



Semiótica greimasiana na atribuição de autoria textual: contribuição à linguística forense¹

Dayane Celestino de Almeida (UNICAMP)*

Resumo: Análises de autoria têm sido realizadas para responder a pergunta “Quem escreveu este texto?”, no curso de investigações criminais e processos judiciais. Assim, vários estudos sobre o tema, na área conhecida como linguística forense, começaram a surgir. Esses estudos baseiam-se na ideia de que cada autor tem um estilo. Porém, uma vez que em contextos forenses vários são os casos em que os textos arrolados para comparação são muito distintos entre si (isto é, de gêneros diferentes, destinados a interlocutores diferentes, etc.), há uma dificuldade em se distinguir autores, já que existe variação intrafalante (fenômeno amplamente demonstrado pela sociolinguística variacionista, e.g. Labov, 1966). Assim, este trabalho partiu da premissa de que, se os níveis mais profundos do percurso gerativo do sentido são mais abstratos e apresentam menos categorias de análise, eles seriam menos variáveis. A ideia é que quanto mais abstrato/simples o nível no plano do conteúdo, menos alternativas há para os indivíduos, o que leva a chances maiores de os autores sempre organizarem os textos segundo as mesmas categorias. Se com essa grande chance de realizar sucessivamente as mesmas escolhas, dois indivíduos distintos escolhem recorrentemente as mesmas opções, mas diferentemente um do outro, isso significa que a opção de cada um tem grande poder discriminatório. Portanto, o objetivo deste trabalho foi verificar se categorias de análise semiótica do plano do conteúdo poderiam ser utilizadas como marcadores de estilo em casos de atribuição forense de autoria textual. Textos de 4 autores foram analisados em um *software* que gera e armazena “etiquetas” posteriormente extraídas, o que possibilita a contagem de dados. Num segundo momento, semelhanças e diferenças entre os autores foram medidas estatisticamente utilizando dois coeficientes: Jaccard e Yule, empregados para medir o nível de similitude entre amostras. Os resultados indicam que a hipótese aventada se confirma.

Palavras-chave: Semiótica; estilo; variação intrafalante; atribuição de autoria; linguística forense

He took a letter from his pocket and tossed it onto the table. This purports to be from an old friend of mine, Lady Constance Culmington (...). It is exactly the kind of vague incoherent letter she would write, urging me to join her here and referring to her host and hostess in the vaguest of terms. The same technique, you will observe’.

(Agatha Christie. And then there were none.)

1. A linguística forense e a atribuição de autoria

Na década de 1960, Jan Svartvik, ao publicar sua análise sobre os depoimentos de Timothy Evans², cunhava o termo “*forensic linguistics*”. Em

inglês, o termo “*forensic*” é associado a ciências capazes de ajudar a desvendar crimes (Olsson, 2008, p. 6)³. Desde então, passou a se designar Linguística Forense a disciplina interessada na aplicação dos conhecimentos linguísticos com vistas a ajudar a solucionar crimes e disputas judiciais. Segundo Shuy (2001, p. 691, tradução nossa)⁴, “cada vez mais advogados e agências governamentais convocam linguistas forenses para ajudá-los a analisar evidências de língua falada ou escrita tanto na esfera civil quanto criminal”.

Essas evidências dizem respeito à identificação de falantes, ao cotejo de vozes, a crimes de

* DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.127625>

* Docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Endereço de e-mail: daycelestino@gmail.com

¹ Este trabalho foi desenvolvido durante pesquisa de Doutorado realizada entre 2011 e 2015, no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), com apoio financeiro do CNPq. A tese completa pode ser acessada em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06102015-133459/pt-br.php>>.

² Olsson (2008, p. 20, tradução nossa) resume o caso, como segue: “John Christie assassinara uma série de mulheres na sua casa, em Londres, e havia enganado Evans para que pensasse que ele próprio havia sido parcialmente responsável pela morte de sua própria mulher e filho, o que havia na verdade sido obra de Christie. Evans viajara para a casa de seu tio, em Merthyr Tydfil, ao sul do País de Gales, mas depois de um curto tempo ele retornou e se entregou à polícia alegando ser o responsável pela morte de sua família. Dois depoimentos foram dados em Merthyr Tydfil e dois na delegacia de Notting Hill, Londres, onde Evans foi levado no dia seguinte à sua prisão. Em sua análise, Svartvik demonstrou a presença de dois registros muito diferentes nos depoimentos. Embora esse caso não tenha sido um estudo de autoria como se vê atualmente, sua importância está na técnica pioneira de Svartvik que analisou as alterações textuais realizadas nos depoimentos, e o nome que ele deu para a nova ciência: linguística forense”. Infelizmente, o estudo de Svartvik só foi realizado aproximadamente 15 anos depois do enforcamento de Evans.

³ Em Português, esse papel é assumido pelo que se conhece por “Criminalística”. Uma das acepções para o termo, segundo o dicionário Houaiss é “disciplina que reúne os conhecimentos e técnicas necessários à elucidação dos crimes e à descoberta de seus autores, mediante a coleta e interpretação dos vestígios, fatos e consequências sobrevenientes”.

⁴ Texto original: “more and more attorneys and government agencies are calling on forensic linguists to assist them in analyzing the spoken and written language that frames the evidence in both civil and criminal law suits” (Shuy, 2001, p. 691).

linguagem⁵, a textos cujo significado é “questionável” ou ambíguo, a disputas envolvendo marcas registradas, a casos em que seja necessária uma opinião linguística acerca da adequação de advertências presentes em embalagens de produtos, à compreensibilidade de instruções escritas e à análise de autoria textual, foco deste trabalho.

Saber quem redigiu um texto ou um conjunto de textos não é um interesse recente. Pesquisadores de distintas áreas, tais como estudiosos de textos sagrados, históricos e literários, têm se voltado a estudar maneiras de corroborar a autoria de um escrito. A partir de Svartvik, contudo, assistiu-se ao aumento desse interesse especificamente aplicado a circunstâncias forenses, lentamente, de início, e com mais ímpeto na última década. A descrição linguística pode ajudar a determinar a autoria de textos anônimos, assinados por pseudônimos ou cuja autoria esteja sendo questionada, tais como cartas de suicídio, cartas e mensagens anônimas (por exemplo, em caso de sequestros, chantagens, ameaças, mensagens via celular, etc.), *websites* com conteúdo ilegal, e-mails anônimos com teor ofensivo, entre outros⁶.

Embora possa se apoiar nos achados de pesquisas gerais sobre estilo e autoria, a linguística forense não pode confiar exclusivamente neles, já que as situações ditas forenses (investigações criminais ou processos judiciais) podem apresentar textos muito diferentes (em termos de gênero, registro, destinatários, etc.) daqueles examinados. Em outras palavras, há especificidades de situações forenses que a análise de estilos deve levar em conta. Dentre essas particularidades, está o fato de que, diferente das outras áreas em que se estudam textos de autoria questionada, os textos que aparecem nessas situações são comumente curtos e de naturezas distintas. Sobre essa última característica, por exemplo, o texto de autoria questionada pode ser uma carta de suicídio e os textos coletados para a comparação são aqueles que a polícia conseguiu coletar e que podem diferir quanto ao propósito, tema, grau de formalidade, destinatários, gênero, etc. (podem ser mensagens de celular, *posts* em redes sociais, e-mails formais, cartas comerciais, e-mails para amigos, textos de *blogs*, diários, entre outros). Ou seja, não há

nenhuma garantia – e é até mesmo improvável – que se consigam textos que foram escritos no mesmo tom informal que a carta de autoria questionada e muito menos provável é que se consigam outras cartas de suicídio do mesmo autor para a comparação.

Os estudos de autoria, forense ou não, fundamentam-se na hipótese de que todo autor apresenta um estilo (Love, 2002) e buscam encontrar elementos linguísticos que sejam marcas do estilo de um autor. No entanto, como determinar que alguém é o autor de vários textos redigidos em situações diferentes e destinados a interlocutores diferentes, quando a Sociolinguística tem demonstrado que uma mesma pessoa emprega formas linguísticas diferentes em contextos distintos (Labov, 1966 e 2008; Bell, 1984; Schilling-Estes, 2001; Eckert e Rickford, 2001, etc.) e, segundo alguns autores, esse princípio pode ser aplicado à língua escrita (e.g. McMenanim, 2002, 2010; Olsson, 2008, Lillis, 2013)? É precisamente esse o ponto que este trabalho pretende focar.

2. O problema da variação intrafalante e uma proposta de solução

Conforme mencionado na seção anterior, estudos sociolinguísticos têm ratificado a ideia de que existe variação intrafalante, isto é, um mesmo indivíduo utiliza a língua diferentemente, dependendo de vários fatores, como tema, situação, destinatário, registro, gênero textual, “meio” de comunicação, etc. Segundo Labov (2008, p. 243) “não existe falante de estilo único” e “todo falante que encontramos exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico (idem). Esse pressuposto da sociolinguística variacionista é um obstáculo aos casos forenses, muito comuns, que contam com textos muito diferentes em termos de gênero, registro, etc.

É preciso pensar em elementos que não variem (ou que variem menos) entre textos de um mesmo autor, mas de natureza distintas. Esses elementos são o núcleo da proposta que apresentamos e serão tratados na próxima seção.

2.1 Fundamentação teórica: semiótica greimasiana e estilo

Os estudos sobre autoria frequentemente se apoiam em elementos linguísticos da superfície textual. Considerando a terminologia proposta por Hjelmslev (2003 [1943], p. 53), para quem a língua é expressão e conteúdo, pode-se dizer que os elementos de que tanto os métodos vigentes de

⁵ Crimes cometidos por meio da linguagem, como, por exemplo, injúria, difamação, assédio, suborno, ameaça, extorsão, etc. Para uma revisão de tais crimes, ver Solan e Tiersma (2005).

⁶ Diante de textos divulgados pela Internet, pode surgir a seguinte questão: “Uma análise no âmbito da computação (redes) não seria capaz de rastrear o computador fonte de tais textos?”. A resposta é sim, mas esse é o limite de tal análise, pois, como afirma Juola (2006, p.2) “Uma investigação da rede de computadores vai no máximo revelar o computador específico em que o documento foi produzido. É quase impossível descobrir quem estava ao teclado, quem o escreveu” (“*A network investigation will at best only reveal the specific computer on which the document was written. It is almost impossible to figure out who was at the keyboard – who wrote it*”).

autoria quanto os estudos sociolinguísticos tratam são elementos do plano da expressão.

A semiótica greimasiana (Greimas; Courtés, 1979), teoria da significação e método de análise de textos e discursos, segue na esteira do pensamento hjelmsleviano e propõe um modelo para análise do plano do conteúdo. Segundo esse quadro teórico-metodológico, a todo texto subjaz uma “gramática” apreendida através de análise. Essa gramática do plano do conteúdo é abordada pelos semioticistas sob a forma de um “percurso gerativo do sentido”, um simulacro metodológico dessa estrutura analisável, que prevê a existência de níveis de análise que vão de estruturas mais simples às mais complexas, dos elementos mais abstratos aos menos abstratos (ver Figura 1).

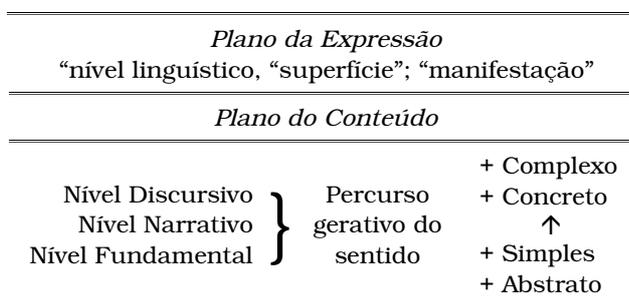


Figura 1: Semiótica discursiva: plano da expressão e plano do conteúdo com o percurso gerativo do sentido

Voltemos, por um momento, aos trabalhos já existentes sobre atribuição forense de autoria: exemplos de elementos linguísticos comumente analisados, pertencentes ao plano da expressão (superfície do texto), que apresentam grande variabilidade (ver Figura 2).



Figura 2: Elementos do plano da expressão Fonte: Almeida (2015)

De modo complementar, uma análise de estilo seria mais acurada se levasse em conta igualmente elementos do plano do conteúdo, pois nele se localizam, também, marcadores de estilo. Considerando-se a importância do plano do conteúdo para a análise semiótica de textos, é de se esperar que o estudo do estilo nessa teoria considere também esse plano. Greimas e Courtés (2008 [1979], p. 182, grifo nosso) definem como estilísticos aqueles “fatos estruturais *pertencentes tanto à forma do conteúdo* de um discurso quanto aqueles pertencentes à forma da expressão”. Para Fiorin (2008, p. 97, grifo nosso), estilo é “um conjunto global de traços *recorrentes do plano do conteúdo* (formas discursivas) e do plano da expressão (formas textuais), que produzem um efeito de sentido de *identidade*. Configuram um *ethos* discursivo, ou seja, uma imagem do enunciador”. Segundo Discini (2009, p. 26, grifo nosso) “O estilo deve ser tratado como fenômeno do conteúdo mais a expressão, *não podendo restringir-se a fenômenos de textualização*”. Estilo é, então, recorrência e distintividade (ou diferenciação), tanto no plano da expressão quanto do conteúdo (Fiorin, 2008; Discini, 2009, 2013).

Discini (2013, p. 79, grifo nosso) observa, ainda, que “o estilo, como modo de presença de um sujeito dado no ato de enunciar pressuposto a uma totalidade de enunciados, remete a um sujeito discursivo, que *deixa rastros de sua identidade naquilo que diz*”. O enunciador elege “os valores praticados em todos os estratos gerativos, das estruturas profundas, às de superfície” (Tatit, 2001, p. 19). Sendo assim, o estilo é controlado pela instância da enunciação e aparece tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo. Ainda segundo Discini (2009, p. 26, grifo nosso), o estilo:

deverá despontar de um eixo sintático-semântico comum, que se deve apresentar *em todos os níveis do percurso gerativo do sentido* [...]. Falando em conteúdo e expressão, bem como na relação de pressuposição mútua entre eles, não mais deverá interessar a manifestação textual em si mesma.

A semioticista afirma, ainda, que “cumpre ao analista de estilo (re)construir o ator da enunciação de uma totalidade de discursos” (Discini, 2009, p. 28). Na atribuição de autoria forense, esse ator da enunciação será relacionado a um indivíduo “de carne e osso”. Conforme explica Harkot-de-La-Taille (2008, p. 2),

A figura dos laudos periciais acerca da autoria de determinado texto pressupõe a possibilidade de, por meio de uma dada produção textual, estabelecerem-se, com base em marcas linguístico-discursivas, relações de identidade entre o sujeito

do discurso - “de papel” - e um cidadão - sujeito “de carne e osso”.

Os elementos mais “profundos” examinados na análise semiótica são os que seguem na Figura 3 (ver Figura 3).

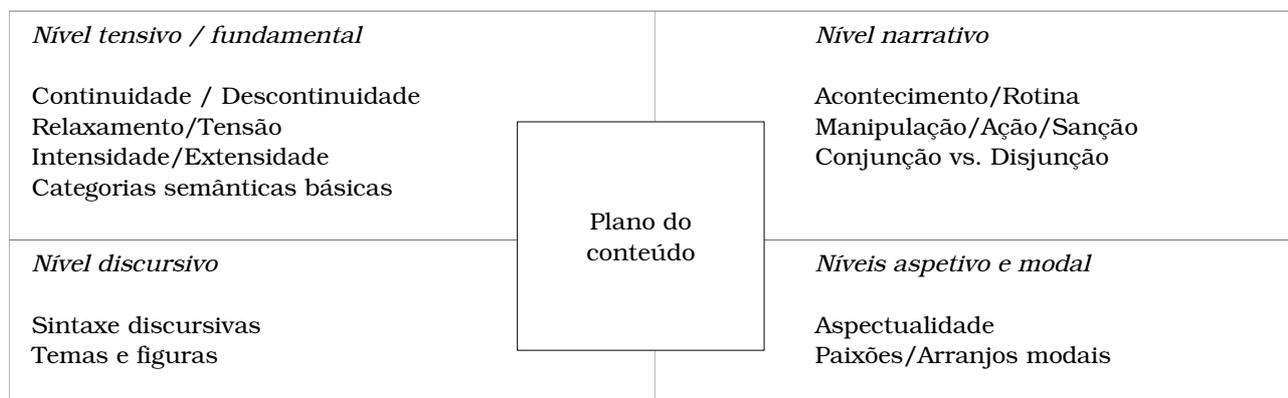


Figura 3 - Elementos do plano do conteúdo. Fonte: Almeida (2015)

2.2 Hipótese aventada

Se os níveis mais profundos do percurso gerativo do sentido são mais abstratos e mais simples (no sentido de “menos numerosos), faz sentido pensar que esses níveis são menos variáveis. A hipótese que se testa neste trabalho é então a seguinte: a variação intrafalante tende a ser menor na medida em que se “desce” para os níveis mais “profundos” do plano do conteúdo. Isso deve ocorrer porque, quanto mais abstrato/simples o nível no plano do conteúdo, menos alternativas há para os indivíduos, o que leva a chances maiores de sempre repetir “as mesmas coisas”, isto é, organizar os textos segundo as mesmas categorias. Se com essa grande chance de realizar sucessivamente as mesmas escolhas, dois indivíduos distintos escolhem recorrentemente as mesmas opções, mas diferentemente um do outro, isso significa que a opção de cada um tem grande poder discriminatório.

Uma vez que a organização do plano do conteúdo, sobretudo no que diz respeito aos seus níveis mais profundos (fundamental/tensivo e narrativo) sempre existe, mesmo que de modo pressuposto, em todo e qualquer tipo de texto, independentemente de seu tamanho, um método de análise de autoria que incorpore essas categorias se tornaria mais independente do tamanho dos textos e, por isso, mais favorável ao contexto forense.

Outras duas conveniências da análise semiótica do plano do conteúdo na esfera forense são:

a) Se o estilo não se dá por uma ou outra característica textual isoladamente, mas por uma combinação de características, quanto mais delas puderem ser examinadas, maior a acuracidade da análise, já que, quanto mais elementos puderem ser agregados, mais se vão estreitando as probabilidades de que exatamente os mesmos elementos ocorram em outros autores.

b) Por se tratar de características discursivas subjacentes tanto a textos orais quanto escritos, podem ser analisados comparativamente textos provenientes dessas duas modalidades linguísticas, a exemplo do trabalho de Harkot-de-la-Taille (2008), em que se comparou uma carta de ameaça (texto escrito) com uma entrevista televisiva (texto oral).

3. Sobre metodologia e design do experimento

A fim de testar se a hipótese de que a gramática do plano do conteúdo pode funcionar como marcador de estilo é estatisticamente sustentável, procedemos a uma análise quantitativa. É necessário verificar se as características apreendidas numa análise semiótica de elementos do plano do conteúdo têm realmente o potencial de distinguir autores. Para tanto, desenvolveu-se um experimento que se descreve nas seções a seguir.

3.1. O corpus

Os textos para esta análise foram extraídos do *Corpus Geral para Análise de Autoria*⁷ (doravante, CGAA). Este conjunto conta com textos de 36 autores, homens e mulheres, com idades que variam entre 13 e 55 anos e nível de escolaridade que vai desde o nível fundamental até o superior. Cada autor no CGAA contribuiu com 10 a 25 textos. Durante a coleta, os informantes/autores foram solicitados a nos enviar textos “reais”, ou seja, que já tivessem produzido *a priori* e que tivessem guardado por qualquer motivo. A seleção deveria ser aleatória e poderia incluir qualquer tipo de texto de escrita espontânea, tais como *posts* e comentários da rede social Facebook, e-mails pessoais e profissionais, textos escritos em *sites*, comentário de *sites*, redações escolares, cartas, anotações de

⁷ Coletado por Almeida (2015)

aula, bilhetes e mensagens de celular (SMS). Além de solicitar que amigos, familiares e alunos participassem, também foi solicitado que estes indicassem conhecidos seus, no método de abordagem de informantes chamado de “amigos de amigos” (Milroy, 1980). Vale ressaltar que os textos foram coletados entre autores que podem ser considerados, nos termos de Baayen et. al. (2002), “naïve writers”, ou seja, não são, de modo algum, profissionais da escrita, detalhe importante no caso de alguém se perguntar “e se o autor tentar um disfarce?”, já que escritores não profissionais dificilmente conseguem consistente e conscientemente modificar seus estilos.

Os textos do CGAA são de tipos que mais provavelmente seriam coletados como amostra para comparação com um texto de autoria questionada, em casos reais de atribuição de autoria em contextos forenses. O leitor pode se perguntar sobre o fato de não termos analisado textos “criminosos”, isto é, textos oriundos de casos reais. A verdade é que essa não é uma questão relevante. Alguns autores como, por exemplo Grant (2008) e Turell (2012) explicam que os textos empregados em pesquisa forense podem ou não ser provenientes de casos reais, desde que os textos sejam bastante próximos daqueles que via de regra aparecem em casos forenses reais: curtos, escritos para uma audiência limitada, não muito planejados⁸.

Para este teste, separaram-se textos de 4 autores do CGAA. O primeiro autor foi selecionado aleatoriamente e a partir dele os próximos três autores do mesmo perfil sociolinguístico⁹ foram selecionados. A escolha por autores de perfis sociolinguísticos semelhantes deu-se uma vez que, conforme explica Chaski (2001, p. 4, tradução nossa)¹⁰, “se a técnica testada pode diferenciar os autores de documentos que tenham as mesmas características dialetais, então ela pode certamente funcionar com documentos que não as compartilham”. Com isso, garante-se que as características depreendidas distinguem realmente indivíduos e não grupos sociais.

Selecionaram-se 20 textos de cada autor e posteriormente cada um desses conjuntos de 20 foi dividido em dois subconjuntos de 10 (A e B) (ver Quadro 1):

<i>Autor 1</i>	<i>Autor 2</i>	<i>Autor 3</i>	<i>Autor 4</i>
1A	1B	2A	2B

⁸ Excluem-se desse perfil textos utilizados em pesquisas de plágio.

⁹ São 4 mulheres, com idade entre 26 e 40 anos e nível superior de escolaridade.

¹⁰ Original: “If the tested technique can differentiate the authors of documents which share dialectal features, then it can certainly work on documents which do not share dialectal features” (Chaski, 2001, p. 4).

Quadro 1 - Quatro autores e subamostras de textos

A suposição é que a “distância” entre os grupos A e B de cada autor é menor do que aquela entre os diferentes autores. Por exemplo, 1A é mais semelhante a 1B do que a todos os outros grupos (2A, 2B, 3A, 3B, 4A, 4B). Em outras palavras, a variação interfalante (ou interautor) é maior do que a variação intrafalante (ou intra-autor). Isso vai ao encontro de duas premissas de qualquer análise comparativa de autoria: a) o estilo dos textos de um mesmo autor é suficientemente consistente; e b) essa consistência é distintiva o suficiente para distinguir autores (Grant, 2012).

3.2. Software e extração de dados

Com os textos selecionados, o desafio era encontrar um modo de quantificar os resultados da análise semiótica, para de fato medir a semelhança e diferença (a “distância” ou a “proximidade”) entre os conjuntos de textos. Numa análise quantitativa de elementos do plano da expressão, recursos computacionais podem ser prontamente utilizados para extração dos dados, na maioria dos casos. Trata-se de uma análise automática, já que se dá uma instrução ao computador do que procurar, por exemplo, as ocorrências de “voce”, “ce”, “cê”, “você”, “vc”, num texto em português. Ao contrário, por mais estruturado que seja o plano do conteúdo, não se pode automaticamente analisá-lo (pelo menos não até o momento, para a maior parte de suas categorias de análise). Isso não quer dizer, entretanto, que ele não seja passível de medição. Gibbons (2011, p. 252, tradução nossa¹¹) afirma que “o Discurso, já que sua manifestação é algumas vezes menos concreta, não tem sido passível de análises quantitativas”. Ora, o discurso pode não ter sido *ainda* objeto de análises quantitativas, mas ele pode, sim, ser submetido a elas; não se pode analisar o discurso automaticamente, mas se ele se organiza em categorias de análises, elas podem ser quantificadas.

Uma opção para a quantificação de categorias do plano do conteúdo seria utilizar um recurso comum à linguística de corpus: o de “etiquetar” (“codificar”, “anotar”) o texto. A primeira ideia que surgiu neste trabalho foi criar uma lista com essas etiquetas, correspondentes a cada uma das características do plano do conteúdo. Uma vez que um texto estivesse em formato digital que permitisse sua edição (*.txt, *.doc, etc), poder-se-ia inserir manualmente uma certa característica semiótica no momento da análise. Por exemplo, se num texto aparecesse a fase do julgamento (presente no nível narrativo do percurso gerativo do sentido), tal fase poderia ser marcada no arquivo por meio de uma etiqueta

¹¹ Texto original: “Discourse, because its surface manifestations are sometimes less concrete, has not been easily amenable to quantitative analysis” (Gibbons, 2011, p. 252).

previamente definida, tal como <JULGAM>. Assim, todas as vezes em que o analista identificasse essa fase, em todos os textos, deveria anotar <JULGAM> no arquivo. Isso teria que ocorrer para todos os níveis de análise. De acordo com a semiótica tensiva, por exemplo, um texto poderia ser da ordem da concessão ou da implicação. Assim, seria o caso de incluir alguma anotação como <CONCES> ou <IMPLIC> no arquivo, conforme o caso. Ao fim da análise, um programa computacional simples conseguiria extrair essas marcações. Tal tarefa – bastante trabalhosa, ao mesmo tempo que bastante simples – apresentou, porém, alguns problemas, a ver: 1) o fato de o analista ter que acessar diretamente o arquivo poderia suscitar alterações não desejadas que poderiam prejudicar algum outro tipo de análise que se desejasse fazer posteriormente; 2) há risco de ocorrência de erros na hora da etiquetagem; mesmo “copiando” e “colando” a etiqueta, seria muito possível algo dar errado e um ou outro caractere da etiqueta sobrar ou faltar; e 3) há também risco do analista “pular”, ainda que não intencionalmente, algum passo da análise e deixar de fora do estudo um ou outro elemento semiótico, num ou noutro texto.

Assim, uma saída para minimizar esses problemas foi fazer uso de um *software* durante a análise: o *Corpus Tool* (*UAM Corpus Tool*, v. 3.1.12: O'Donnell, 2007). Este programa permite que o analista insira “sistemas” ou “esquemas” de análise. Permite, ainda, que textos sejam incluídos, para serem analisados de acordo com esses esquemas. A “etiquetagem” é manual, já que cabe ao analista – e não ao computador, de modo automático – selecionar trecho por trecho a analisar e atribuir a ele uma das etiquetas previamente cadastradas no sistema. Contudo, as etiquetas permanecem armazenadas no sistema e podem ser extraídas para arquivos *.txt ou *.xml, para que sejam contadas.

Procurou-se introduzir nos esquemas de análise no sistema as principais¹² características das análises semióticas. Detalhes sobre o funcionamento do sistema e sobre como o modelo da semiótica foi nele inserido podem ser vistos com em Almeida (2015). Um ponto importante a ressaltar é que o sistema funciona de modo que o analista seja “obrigado” a passar por todas as categorias cadastradas, marcando-as como não relevantes se assim desejar. O sistema não garante que a categoria correta seja escolhida pelo analista, mas garante, ao menos, que ele não deixe de fora nenhuma delas (por esquecimento, por exemplo). Observa-se que com o uso do *Corpus Tool*, os

¹² Vale ressaltar que foram incluídas as características julgadas mais importantes ou que se percebem com mais frequência em análises semióticas. Com isso, uma ou outra característica pode ter ficado de fora, mas o *Corpus Tool* permite que elas sejam facilmente inseridas em futuras análises caso seja necessário.

problemas 1 e 2 acima descritos seriam eliminados e o 3 bastante diminuído, já que o *software* força o usuário a passar por todas as fases cadastradas.

Para o exercício que ora se apresenta, 80 exemplares de textos dos 4 autores (20 por autor, sendo 10 pra o grupo “A” e 10 para “B”, em cada autor) foram inseridos no programa e um a um analisados semioticamente, seguindo-se um por um todos os níveis e categorias de análise que foram incluídas no sistema. Os dados (as etiquetas que se descreveram acima) foram então extraídos por meio de *scripts*¹³ desenvolvidos em linguagem de programação *PERL*¹⁴ e em *Shell script*. Para a extração, levou-se em conta o fato de uma determinada característica estar presente ou ausente em cada um dos textos de cada *subcorpus*. Assim, a frequência de cada característica dentro de cada conjunto A ou B para cada autor (1, 2, 3 ou 4) variou de 0 a 10 (já que cada um desses *subcorpus* contou com 10 textos). Se uma característica aparece em um texto, ainda que repetidas vezes, ela foi contada apenas uma vez¹⁵. Esse modo de contagem se justifica devido às medidas estatísticas, descritas mais adiante, utilizadas (elas trabalham como “zeros” e “uns”, ou seja: características presentes ou não presentes).

3.3. Método de medição

Com os dados extraídos, a análise quantitativa foi realizada, primeiramente, através do *Coefficiente de Jaccard*¹⁶ (uma medida estatística utilizada para calcular a similaridade entre conjuntos). Em tal coeficiente, cada característica de um conjunto é contada como presente ou ausente e, a partir de tal quantificação, pode-se verificar qual é a “distância” entre dois conjuntos. A fórmula do Coeficiente de Jaccard é:

$$A \cup B \vee$$

$$A \cap B \vee$$

$$J(A, B) =$$

Ou seja, dados dois conjuntos A e B, a similaridade entre eles é medida pelo “tamanho” de sua intersecção dividido pelo “tamanho” de sua união. Os resultados vão de 0 a 1, em que 0 indica

¹³ Os *scripts* foram desenvolvidos por Ricardo Piantola, doutor em Engenharia da Computação pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

¹⁴ The Perl Programming Language. Disponível em <<http://www.perl.org/>>.

¹⁵ O motivo para essa frequência ter sido contada apenas em termos de presença ou ausência está relacionado às medidas estatísticas escolhidas, que serão expostas mais adiante.

¹⁶ Também conhecido como “Índice de Jaccard”, ou “Índice de Similaridade de Jaccard”. Em linguística forense, tal medida aparece principalmente nos trabalhos de Tim Grant (Grant, 2010; Macleod e Grant, 2012; Grant, 2012).

total dessemelhança entre os dois conjuntos e 1 indica identidade entre eles¹⁷. Antes de aplicar a fórmula do Coeficiente de Jaccard, algumas decisões foram tomadas:

- Excluíram-se todas as características cuja frequência era 0 para todos os textos e também aquelas presentes em todos os textos, já que tais características não seriam distintivas.
- Uma vez que um estilo está relacionado à consistência, ou seja, a uma recorrência de

elementos, foram consideradas apenas características que apareceram pelo menos 5 vezes em pelo menos um dos conjuntos. Isto é, apenas as características que apareceram em pelo menos metade dos textos de um conjunto foram consideradas recorrentes.

A frequência dessas características pode ser vista a seguir (ver Tabela 1):

<i>Características</i>	AUTOR 1		AUTOR 2		AUTOR 3		AUTOR 4	
	1A	1B	2A	2B	3A	3B	4A	4B
tentação	0	0	0	0	5	5	0	0
fazer-emissivo	0	0	6	0	5	5	0	0
avalia-positivamente	0	0	6	5	5	0	0	0
avalia-negativamente	8	10	7	6	0	0	9	7
mentira-ou-segredo	5	5	0	0	0	0	0	0
transitiva-doação	5	0	0	0	0	0	0	0
programa-de-uso	5	0	0	0	0	0	0	0
quer-fazer	0	0	0	5	0	0	0	0
não-poder-fazer-impotência	5	0	0	0	0	0	0	0
querer-ser	0	0	5	6	0	0	0	0
saber-não-ser	9	0	5	5	6	0	0	0
fazer-fazer-intervenção	6	5	0	0	0	0	9	5
querer-saber-curiosidade	5	0	0	0	5	0	0	0
fazer-saber-comunicar	6	0	5	0	8	8	6	5
repulsa	0	0	6	0	0	0	0	0
decepção	6	9	0	0	0	0	0	0
orgulho	0	0	5	0	6	0	0	0
inconformismo	0	6	0	0	0	0	9	7
insatisfação	5	6	5	5	0	0	0	0
desprezo	5	8	0	0	0	0	5	0
empatia	0	0	5	5	0	0	0	0
enuncivo-espaco-1	0	0	6	5	0	0	0	0
ilustração-exemplos	0	0	5	6	6	5	5	6
hipérbole	0	0	6	5	0	0	0	0
clichês	0	0	0	0	5	5	0	0
antítese	6	5	0	0	0	0	0	0
digressão	0	0	0	0	6	0	0	0
indignado	5	5	0	0	0	0	0	0
seriedade	6	0	0	0	0	0	0	0
sarcasmo	5	8	0	0	0	0	0	0
detentor-do-saber	0	0	0	0	8	5	0	0
errado-e-certo	0	0	0	0	0	0	9	5
descaso-e-colaboração	0	5	0	0	0	0	0	0
compromisso-e-isenção	5	5	0	0	0	0	0	0
conhecimento-e-ignorância	0	0	0	0	5	7	0	0
concentrado	0	0	0	0	0	0	6	0
+persistência	6	5	0	0	0	0	6	0
abreviamento	7	5	0	0	5	5	6	0
demora	5	5	0	0	0	0	0	0
tensionado	7	8	5	0	0	0	0	0
relaxado	0	0	0	0	5	6	0	0

¹⁷Outra expressão para o coeficiente de Jaccard é $c / (a+b+c)$, em que: a = quantidade de características que um conjunto possui; b = quantidade de características que o outro conjunto possui; c = quantidade de características que está presente em ambos os conjuntos.

atenuação-da-tensão	0	0	5	0	5	0	8	10
rotina-estado	0	0	0	5	9	8	0	0
acontecimento	10	10	7	6	0	0	9	9

Tabela 1 - Frequência das características recorrentes

Em seguida, os dados da Tabela 5 foram convertidos em valores binários para permitir o cálculo do coeficiente de Jaccard. O valor “0” foi atribuído à ausência de uma característica e “1” à presença. O Coeficiente de Jaccard foi então calculado para todos os pares possíveis entre os subconjuntos (ver Quadro 2). Num segundo momento, mediu-se a proximidade entre as subamostras por meio do Coeficiente de Yule¹⁸, que mede a correlação entre duas variáveis binárias. Dessa forma, cada um dos subgrupos, que já contavam com valores binários, foi considerado uma variável e a pergunta que se colocou foi: essas variáveis se correlacionam? A fórmula para o coeficiente de Yule é:

$$q = \frac{ad - bc}{ad + bc}$$

O resultado vai de -1 a 1, sendo que 0 indica que não há correlação alguma, -1 indica que existe uma correlação negativa entre as variáveis e 1 indica que há uma correlação positiva. Assim, quanto mais próximo de 1 for valor de “q”, mais fortemente correlacionadas estão as duas variáveis medidas. No caso dessa pesquisa, quanto maior a correlação entre dois subgrupos (os subgrupos são, aqui, as variáveis), maior a chance de os textos que os compõem pertencerem a um mesmo autor.

Se essas duas medidas - Coeficiente de Jaccard e Yule - medem as mesmas coisas e apontam para os mesmos resultados (e.g. os textos de um mesmo autor são mais próximos entre si do que quando comparados com outros autores) pode-se dizer que o método proposto (utilizar as categorias semióticas como marcadores de estilo) ganha em termos de confiabilidade¹⁹, comparativamente ao uso de apenas uma das medidas.

AUTOR 1			AUTOR 2			AUTOR 3			AUTOR 4		
	*			*			*			*	
1A	1B	0,6	2A	2B	0,6	3A	3B	0,6	4A	4B	0,7
1A	2A	0,2	2A	1A	0,2	3A	1A	0,1	4A	1A	0,3
1A	2B	0,1	2A	1B	0,1	3A	1B	0,0	4A	1B	0,3
1A	3A	0,1	2A	3A	0,3	3A	2A	0,3	4A	2A	0,2
1A	3B	0,1	2A	3B	0,1	3A	2B	0,2	4A	2B	0,1
1A	4A	0,3	2A	4A	0,2	3A	4A	0,2	4A	3A	0,2
1A	4B	0,2	2A	4B	0,3	3A	4B	0,1	4A	3B	0,2

Pares			
1A x 1B	1B x 2A	2A x 3A	2B x 4B
1A x 2A	1B x 2B	2A x 3B	3A x 3B
1A x 2B	1B x 3A	2A x 4A	3A x 4A
1A x 3A	1B x 3B	2A x 4B	3A x 4B
1A x 3B	1B x 4A	2B x 3A	3B x 4A
1A x 4A	1B x 4B	2B x 3B	3B x 4B
1A x 4B	2A x 2B	2B x 4A	4A x 4B

Quadro 2 - Comparações possíveis entre os *subcorpora* para aplicação dos Coeficientes

4. Análise e Resultados

A aplicação do coeficiente de Jaccard confirmou a hipótese de que as categorias semióticas são proficuas na distinção de autores. Em outras palavras, indicou que a similaridade entre subconjuntos de textos de um mesmo autor é maior do que a aquela entre subconjuntos de autores diferentes. Isto é, 1A é mais próximo de 1B do que o é de 2A, 2B, 3A, 3B, 4A ou 4B; 2A é mais próximo de 2B do que o é de 1A, 1B, 3A, 3B, 4A ou 4B, e assim por diante.

As Tabelas a seguir apresentam esses resultados (ver Tabela 2), (ver Tabela 3). Elas comparam os resultados obtidos para cada autor e subamostra. Na Tabela 2, que apresenta os resumo dos resultados do Coeficiente de Jaccard, vê-se que a primeira linha traz o valor da comparação entre A e B para cada conjunto de autores. Observe-se que ele sempre é mais alto do que todas as outras comparações possíveis. Inclusive, ele não apenas é mais alto como também excede o segundo maior em 3, 3, 6 e 2 vezes, para os autores 1, 2, 3 e 4, respectivamente.

1B	2A	0,1	2B	1A	0,1	3B	1A	0,1	4B	1A	0,2
1B	2B	0,1	2B	1B	0,1	3B	1B	0,0	4B	1B	0,2
1B	3A	0,0	2B	3A	0,2	3B	2A	0,1	4B	2A	0,3
1B	3B	0,0	2B	3B	0,1	3B	2B	0,1	4B	2B	0,2
1B	4A	0,3	2B	4A	0,1	3B	4A	0,2	4B	3A	0,1
1B	4B	0,2	2B	4B	0,2	3B	4B	0,1	4B	3B	0,1

Tabela 2 – Coeficiente de Jaccard: comparação entre autores

Na tabela 3, o resultado é análogo. Veja-se que o valor de “q”²⁰ (que representa o resultado da Correlação de Yule) é sempre bastante maior entre

os subconjuntos A e B do mesmo autor (expressos na primeira linha).

AUTOR 1		q	AUTOR 2		q	AUTOR 3		q	AUTOR 4		q
1A	1B	0,7	2A	2B	0,8	3A	3B	0,8	4A	4B	0,9
1A	2A	0,4	2A	1A	0,4	3A	1A	0,3	4A	1A	0,6
1A	2B	0,4	2A	1B	0,4	3A	1B	(0,3)	4A	1B	0,7
1A	3A	0,3	2A	3A	0,6	3A	2A	0,6	4A	2A	0,5
1A	3B	0,1	2A	3B	0,5	3A	2B	0,5	4A	2B	0,5
1A	4A	0,6	2A	4A	0,5	3A	4A	0,5	4A	3A	0,5
1A	4B	0,5	2A	4B	0,7	3A	4B	0,6	4A	3B	0,6
1B	2A	0,4	2B	1A	0,4	3B	1A	0,1	4B	1A	0,5
1B	2B	0,4	2B	1B	0,4	3B	1B	(0,1)	4B	1B	0,6
1B	3A	(0,3)	2B	3A	0,5	3B	2A	0,5	4B	2A	0,7
1B	3B	(0,1)	2B	3B	0,4	3B	2B	0,4	4B	2B	0,7
1B	4A	0,7	2B	4A	0,5	3B	4A	0,6	4B	3A	0,6
1B	4B	0,6	2B	4B	0,7	3B	4B	0,6	4B	3B	0,6

Tabela 3 – Correlação de Yule: todos os autores

Os resultados obtidos através da aplicação do coeficiente de Yule coincidem com aqueles obtidos com o coeficiente de Jaccard. A correlação entre as subamostras é sempre maior quando se trata do mesmo autor, ou seja, 1A é mais fortemente correlacionado a 1B do que a todos os outros subconjuntos; 2A é mais fortemente correlacionado a 2B do que a todos os outros, e assim por diante. Essas correlações indicam que ou grupos de textos A e B de cada autor são mais semelhantes entre si do que entre autores diferentes.

Abaixo encontram-se quadros em que algumas características recorrentes de cada autor

são exibidas, seguidas de comentários e de um excerto dos textos²¹ (ver Quadro 3) (ver Quadro 4) (ver Quadro 5) (ver Quadro 6). Observa-se que há características que se repetem entre os autores, mas nunca se reproduz exatamente o mesmo grupo de características. Isso ratifica a ideia de que o estilo é a recorrência de uma cosseleção de características e não de uma característica isolada; essa cosseleção pode distinguir autores, já que apesar de uma ou outra característica poder estar presente em textos de diversos autores, é muito improvável que precisamente a mesma combinação de todas elas aconteça.

Autor 1			
Característica	Nível	Comentário	Excertos ²⁰
avalia-negativamente	Narrativo	Considerando o “esquema narrativo canônico” proposto pela semiótica greimasiana (manipulação - ação - sanção), é recorrente nos textos do Autor 1 a fase da sanção, em que uma avaliação das ações de outros sujeitos é feita, de modo negativo ²¹ .	- <i>Internet grátis para analfabetos. <u>Geniais</u> os planos de governo.</i> - <i>Uma linha tênue entre a perturbação e a <u>falta de caráter</u> é uma constante nos dias de hoje.</i> - <i>Quando estiver se sentindo um <u>imbecil</u>, lembre-se que <u>tem</u> adolescentes brincando de prender a <u>respiração até desmaiar</u>.</i>

¹⁸ q = Coeficiente de Yule. Os resultados vão de -1 a 1, em que quanto mais próximo de 1 for valor de “q”, mais fortemente correlacionadas estão as duas variáveis medidas e, ao contrário, quanto mais próximo de -1, menor a correlação entre elas.

¹⁹ Alguns dos textos completos encontram-se em “Anexos”.

²⁰ Em todos os quadros de 3 a 6, os excertos foram selecionados aleatoriamente de alguns textos de cada autor; as transcrições correspondem exatamente aos originais. Os grifos destacam as palavras ou expressões que ajudam a determinar a ocorrência da característica sob exame.

<i>Autor 1</i>			
<i>Característica</i>	<i>Nível</i>	<i>Comentário</i>	<i>Excertos</i>
mentira-ou-segredo	Narrativo	Na fase da sanção, podem entrar em cena as relações entre o “ser” e o “parecer” (modalidades veridictórias). Recorrentemente, o Autor 1 reconhece na ação de um outro sujeito um segredo ou uma mentira (algo que é, mas não parece ou que parece, mas não é).	<p>- Fiz uma compra (forno elétrico) no site do Ponto Frio dia 09/10 em que o prazo para entrega era de até 13 dias úteis. O prazo passou e o produto não chegou.</p> <p>- <u>Será que todo mundo está com depressão, tem síndrome do pânico, bipolaridade ou isso já está sendo desculpa para as pessoas agirem sem princípios? Não que eu esteja generalizando, muito pelo contrário, acredito e respeito muito a fragilidade dessas pessoas, mas tem muita gente por aí com atitudes sem valores (...).</u></p>
fazer-fazer-intervenção	Narrativo	O Autor 1 assume recorrentemente a posição de um Destinator que “faz-fazer”, intervém para que algo ocorra.	<p>- Mediante esta situação resolvi escrever, <u>pela última vez, tentando resolver isso. Espero a sua resposta, o quanto antes e se até o final da semana que vem você não nos posicionar, estaremos procurando nosso advogado para reclamar (...).</u></p> <p>- @atualcard JA MANDEI 1000 MENSAGENS NO SITE, NO FACEBOOK, AQUI!!!!!! VOCÊS SÓ PODEM ESTAR BRINCANDO COMIGO</p>
insatisfação	Narrativo	O estado passional do sujeito é o da insatisfação. Em termos de combinação de modalidades, ele quer-ser, não-crê-ser e sabe-não-poder-ser em conjunção com o objeto.	<p>- Oi Xxxxx, Entendo que dependa dele, mas <u>não faz 7 dias, faz 7 meses (...).</u> Creio que sejam alguns motivos para estar <u>insatisfeita e triste.</u></p> <p>- Cheguei a uma conclusão: <u>não é casar que é um saco, ser pobre que é um saco!</u> Porque se eu fosse rica todos os problemas do casamento seriam facilmente resolvidos (...). <u>Mas como dinheiro é algo que, infelizmente, não faz parte da minha realidade atual(...)</u> no lugar de esperar pelo sonho eu quero logo que este <u>pesadelo</u> acabe!</p>
desprezo	Narrativo	Paixão do desprezo. Segundo Aristóteles ²² : "o desprezo é a “atualização de uma opinião acerca do que não parece digno de consideração” e “desdenhamos tudo o que julgamos ser desprovido de valor”.	<p>- Internet grátis para analfabetos. <u>Geniais os planos de governo.</u></p> <p>- Quando estiver se sentindo um <u>imbecil, lembre-se que tem adolescentes brincando de prender a respiração até desmaiar.</u></p> <p>- Essa dieta de proteína tem as fases e o cara <u>so n colocou a ultima fase no livro que a hr q vc engorda de nv</u></p>
sarcasmo	Discursivo	-	<p>- Internet grátis para analfabetos. <u>Geniais os planos de governo.</u></p> <p>- Só nessa novela uma empregada sai mais que os donos da casa e quando volta ainda dá tempo de <u>matar um boi, assar no papel alumínio, com farofa, sobremesa e biscoitos caseiros pro café.</u></p> <p>- <u>A Fifa não exclui ninguém! N tem dinheiro p/ ver a copa de perto?! Seja um voluntário, trabalhe de graça e participe</u></p>
compromisso-e-isenção	Fundamental	A categoria fundamental mais recorrente nos textos do Autor 1 é “compromisso versus isenção”. O enunciador ora cobra sujeitos que estejam “devendo” algo, ora desaprova as ações daqueles que não cumpriram com o seus compromissos. O compromisso é a valorizado e o a isenção, negada.	<p>- Fiz uma compra (forno elétrico) no site do Ponto Frio dia 09/10/11 em que o prazo para entrega era de até 13 dias úteis. O prazo passou e o produto não chegou..</p> <p>- <u>A Engenheira é a pessoa ais enrolada do mundo. Estrapolou TODOS OS PRAZOS ESTIPUADOS / NUNCA chegou em nenhuma reunião no horário marcado.</u></p>
abreviamento x demora	Tensividade	Oposição entre “Abreviamento” e “Demora”. Andamento + rápido = Duração Abreviada. Se o andamento é menor = demora. Sujeito que realiza a ação esperada “funciona” sob o regime da demora. O enunciador que o cobra, por sua vez, “quer” o abreviamento.	<p>- Como todo bom banco <u>demoraram</u> um pouco para liberar o financiamento. :(Quando <u>a gente ligava lá pra saber o andamento</u> do processo (...)</p> <p>- @atualcard JA MANDEI 1000 MENSAGENS NO SITE, NO FACEBOOK, AQUI!!!!!! VOCÊS SÓ PODEM ESTAR BRINCANDO COMIGO</p>

Quadro 3 – Conjunto de características distintivas do Autor 1

²¹ Uma consideração importante, no entanto, é que avaliações negativas aparecem em 3 dos 4 autores analisados, levando à dúvida de se elas realmente podem ser distintivas ou se estão atreladas aos gêneros textuais que mais se apresentam no corpus (comentários de redes sociais ou e-mails).

²² In: *Retórica das Paixões* (Aristóteles, 2000, p. 7).

<i>Autor 2</i>			
<i>Característica</i>	<i>Nível</i>	<i>Comentário</i>	<i>Excertos</i>
avalia-positivamente	Narrativo	A fase da sanção está bastante presente neste autor, ora com avaliações negativas e ora com avaliações positivas. Apesar de avaliações negativas aparecerem também em outros autores examinados, as positivas são exclusividade deste autor.	- <i>Eu adoro esse meu primo, ele disse que quando eu casar ele vai pintar algo que eu escolher pra me dar de presente, mas como vou decidir???</i> Rs - <i>Balanço de Paris: muito mais linda do que eu imaginava. Franceses absurdamente prestativos e simpáticos e tratamento de primeira em todos os restaurantes!</i> - <i>Tenho uma amiga psico e ela é ótima.</i>
avalia-negativamente	Narrativo	N/A	- <i>Fora a educação desse país que é uma merda, o povo é desaculturado, não liga pra arte, só valoriza peito e bunda.</i> - <i>Acho extremamente irritante ter que ficar lendo o povo falando de futebol, um atacando o outro, um respondendo pro outro (...). Essas pessoas não sabem o quanto são chatas e desagradáveis.</i>
insatisfação	Narrativo	N/A	- <i>Eu amo minha casa e meu bairro, tenho a vida que pedi a Deus, mas morro de desgosto de mtas coisas...</i> - <i>Eu gosto da Xxxxx, gostava do outro time que eu tava. Não é a paixão da minha vida, mas não era ruim! Já nesse, é péssimo!</i>
empatia	Narrativo	Levar o outro em consideração, importar-se com o outro, colocar-se no lugar do outro.	- <i>Queria te ajudar, se vc morasse perto, a gente ia malhar, eu te arrastava. Eu sei o quanto vc deve tá triste, eh o mesmo quando zuavam do meu nariz na escola =S</i> - <i>Eu tô igual vc, com fome TODA HORA!</i>
enuncivo-espaco-1	Discursivo	No nível discursivo se projetam pessoa, tempo e espaço. Nos textos analisados, as projeções de pessoa e tempo ocorrem consistentemente em todos os autores. O espaço enuncivo, porém, só foi observado nos textos do Autor 2.	- <i>Balanço de Paris: muito mais linda do que eu imaginava</i> - <i>O Eldorado é na marginal pinheiros tb, né? Se vc quiser, posso ir no Eldorado sim!</i> - <i>As vezes que viajei pros eua e Canada, voltei quase chorando de tristeza!</i>
ilustração-exemplos	Discursivo	N/A	- <i>Mas o fato é que tenho medo de ficar com o corpo da minha irmã, que não se cuida e faz criação de celulite...</i>
hipérbole	Discursivo	N/A	- <i>Eu li um post seu dizendo que vc tinha 100 alunos! Aposto que parece uma manada de búfalos!</i> - <i>Domingo e segunda eu fiz aeróbico na academia... Mas meu joelho tá FODIDO, tem hora que nem consigo subir a escada, meu Deus, o que vou fazer se não puder malhar?</i>

Quadro 4 – Conjunto de características distintivas do Autor 2

<i>Autor 3</i>			
<i>Característica</i>	<i>Nível</i>	<i>Comentário</i>	<i>Excertos</i>
tentação	Narrativo	Recorrência da fase de manipulação por tentação, ou seja, oferece-se um objeto de valor positivo, uma recompensa.	- <i>Amor, Eu acho que seria bom investirmos em algo ... seria interessante, pois em janeiro de 2013 a gente decide se vai mudar pra lá ou vender.</i> - <i>Ser mãe é ter o poder de amar incondicionalmente uma pessoinha que você nem conhece, se dedicar 100% do tempo, colocar as prioridades do seu filho antes das suas... E se sentir a pessoa mais sortuda e feliz do mundo!</i>
fazer-saber-comunicar	Narrativo	Autor recorrentemente comunica algo, faz saber.	- <i>SER MÃE É... Bom, vou traduzir o que é ser mãe, contando como foi o dia em que a Xxxxx nasceu... Pois esse dia resume tudo o que será pro resto da sua vida.</i> - <i>Faça o que vc gosta, fique com pessoas que te façam sorrir de verdade, que se importem com vc, que te abracem com o coração e a alma.... # fica a dica.</i>
clichês	Discursivo	Apesar de “clichês” não ser um elemento do modelo semiótico, este trabalho utiliza este termo para identificar passagens no texto deste autor que são “banais”, reproduzem-se ideias do senso comum ou frases prontas.	- <i>Espero que esses dois monstros paguem pelo que fez... É muito fácil bater em um cara caído...</i> - <i>amizade assim hoje em dia é tão difícil !!!</i> - <i>Agradeço a todos pela amizade, pois aprendi que qualidade não está apenas no trabalho e sim em cada coisa que fazemos, das mais simples às mais complexas.</i>

Autor 3			
Característica	Nível	Comentário	Excertos
conhecimento-e-ignorância	Fundamental	Os textos quase sempre remetem à oposição “conhecimento <i>versus</i> ignorância”; “saber <i>versus</i> não saber” são os valores negados ou euforizados.	Idem “fazer-saber-comunicar” acima.
rotina-estado	Tensividade	O fatos dos textos serem recorrentemente da ordem da rotina parece ser uma forte característica distintiva desse autor com relação aos outros aqui analisados.	- <u>Limpei a casa, fiz arroz, feijão, só falta fritar os bifês...</u> - <u>Agora que tomei banho e coloquei a Xxxxx pra dormir... Vamos lá...</u>

Quadro 5 – Conjunto de características distintivas do Autor 3

Autor 4			
Característica	Nível	Comentário	Excertos
avalia-negativamente	Narrativo	N/A	- <u>não gostei nada nada do filme... Xinguei-te mentalmente algumas vezes.</u> - <u>Houve uma época em que eu achava que aquilo que vendiam no mercado em embalagem de café, era café!!! Hoje sei: aquilo é palha!</u>
fazer-fazer-intervenção	Narrativo	N/A	- <u>Se puderem ajudar, assistam!É rapidinho! Obrigada!</u> - <u>Peco a gentileza de que o Dr. novamente oriente a empresa quanto aos atrasos e, a parcela que deveria ser depositada no dia 30/12/2010 seja depositada hoje (...). Caso seja necessário peticionar nos autos, lembra-se que a multa será (...).</u>
inconformismo	Narrativo	O inconformismo (ou a indignação) é quase sempre a motivação para a composição do texto; é o que faz o enunciador escrever e está presente na maioria dos textos ora analisados. É o resultado de uma sequência que compreende um acontecimento e uma sanção negativa, percebidos por um sujeito tenso.	- <u>Nossa Jane... não gostei nada nada do filme... Xinguei-te mentalmente algumas vezes, tá?</u> - <u>“ABSURDOOOOOOO (...). Únicos que votaram contra: PPS, PV e PSOL!!!!!!</u> - <u>Eu nunca entendi essa ideia de ‘curtir o frio’ - precisa passar frio ou congelar?????????</u> - <u>Fui enganada a vida toda!!!</u>
errado-e-certo	Fundamental	Ao julgar negativamente certas ações “dos outros”, o enunciador cria a oposição mencionada, valorizando o “certo” e identificando-o como aquilo que ele faz, e desvalorizando o errado, que é sempre a atitude ou o comportamento alheio	N/A
atenuação-da-tensão	Tensividade	Vários elementos que atenuam a tensão	“Beijinhos”, “hihihi”, “rs”, uso de gíria, uso de diminutivo, etc.

Quadro 6 – Conjunto de características distintivas do Autor 4

Os resultados apresentados corroboram a hipótese de que se pode aplicar a análise semiótica em casos de atribuição de autoria na esfera forense e que as categorias de análise provenientes dos modelos teóricos-metodológicos da semiótica discursiva podem realmente distinguir autores. Contudo, podem emergir dúvidas sobre a validade e confiabilidade de método, uma vez que os textos foram recolhidos pelo próprio pesquisador que efetuou a análise, que sabia, de antemão quem eram os autores e a quem pertenciam os textos em cada um dos subgrupos estudados. Na tentativa de dirimir essas dúvidas, elaborou-se um exercício de análise “às cegas”, detalhado em Almeida (2015).

5. Considerações Finais

Existe uma teoria que diz que se alguém descobrir exatamente para que serve o Universo e por que ele está aqui, ele desaparecerá instantaneamente e será substituído por algo ainda mais estranho e inexplicável. (Douglas Adams, *O restaurante no fim do Universo*)

A ideia de incorporar a análise do plano do conteúdo surgiu de acordo com as premissas arroladas anteriormente e que se retomam a seguir:

- Os textos que se obtêm para comparação em cenários forenses são de tipos muito distintos, variando com relação ao assunto, ao gênero, etc. Sabendo que existe variação intrafalante,

amplamente demonstrada por estudos sociolinguísticos, pensa-se nos elementos do plano do conteúdo como menos variáveis e passíveis de se manterem os mesmos independentemente dos tipos de textos.

- Se a língua é expressão e conteúdo, uma análise mais acurada teria que considerar também o segundo. Além disso, se o estilo se dá pela combinação de elementos, quanto mais características se puder combinar, maior a chance de se ter combinações que realmente distingam autores.

- Já que a organização do plano do conteúdo, principalmente no que diz respeito aos seus níveis mais profundos (fundamental/tensivo e narrativo) sempre existe, mesmo que de modo pressuposto, em todo e qualquer tipo de texto, independentemente de seu tamanho, um método de análise de autoria que incorpore essas categorias se tornaria mais independente do tamanho dos textos e, por isso, mais favorável ao contexto forense.

5.1 Trabalhos futuros

Colocar um ponto final em uma pesquisa acadêmica é uma tarefa das mais custosas. Isso se dá principalmente porque parece não haver fim na cadeia de conhecimento que se forma a partir das primeiras indagações acerca de um tema. A cada problema resolvido, outros emergem. É como se se escavasse em busca de um objeto perdido e se encontrasse no mesmo buraco outros artefatos sobre os quais ainda nem se tinha ouvido falar. Existe um momento, porém, em que o pesquisador deve se contentar com as reticências. Talvez o ponto final nunca seja possível, como sugere a citação em epígrafe nesta seção

Com este trabalho não foi diferente. Os resultados aqui obtidos poderiam ser ainda corroborados se houvesse mais dados, se os dados fossem de outro tipo, se empregassem outros modelos estatísticos, se... Chega, no entanto, o momento da parada; ou melhor: da interrupção, uma vez que se espera que as questões levantadas aqui possam ser objeto de futuros trabalhos. Esses trabalhos podem ter como foco, por exemplo:

- aumentar o grau de confiabilidade deste método, o que poderia ser conseguido a) em parceria com outro pesquisador que realizasse uma análise dos mesmos textos, com o intuito de se verificar se os resultados obtidos seriam os mesmos²³; e b) analisando-se outros conjuntos de textos.
- perseguir um modo de análise automática de ao menos algumas das categorias semióticas empregadas, principalmente

importante em casos em que o volume de textos fosse muito extenso.

- revelar se categorias semióticas podem também servir de marcador de um “grupo social” (uma categoria sócio-demográfica, por exemplo), integrando semiótica e sociolinguística nesta empreitada também útil ao contexto forense, pois são frequentes casos em que não se consegue chegar a um autor específico, mas a um perfil sociolinguístico de um autor, e isso também pode ser usado em investigações criminais.

5.2 Da relevância deste trabalho

Quando se pensa em termos de Linguística Aplicada, é comum que se associe tal aplicação a métodos relacionados ao ensino de aprendizagem de línguas, pelo menos no Brasil, ficando de fora outras aplicações “no mundo real”. A linguística forense é um exemplo de tal aplicação e que conta, ainda, com poucos trabalhos no país (embora o campo da linguagem e direito, no que diz respeito à análise de textos e discursos jurídicos seja bem desenvolvido). Aplicar a linguística a questões diretamente relacionadas a resolver problemas da vida social vai ao encontro de um anseio que vem sendo expresso por alguns linguistas nos últimos anos. Segundo Labov e Harris (1994, p. 265, tradução nossa) “Em muitos dos encontros recentes de sociedades linguísticas, expressou-se o sentimento de que os linguistas deveriam ser capazes de aplicar o seu conhecimento fora da universidade e da sala de aula [...]”²⁴.

Obviamente, não se despreza aqui o papel e a importância da pesquisa de cunho mais puro, apenas ressalta-se a importância e a relevância da pesquisa aplicada, capaz de levar a linguística para além dos muros da universidade, especificamente, no que diz respeito à linguística forense, auxiliando num melhor entendimento e aplicação da justiça.

Dentre os trabalhos específicos de atribuição de autoria, este trabalho é relevante justamente na medida em que tenta preencher a lacuna existente no que diz respeito a métodos que considerem a questão da variação intrafalante. Ainda, é relevante ao passo que incorpora o plano do conteúdo para uma análise mais acurada do estilo nos textos envolvidos. ●

Referências bibliográficas

- Almeida, Dayane Celestino de
2015. Análise forense de autoria textual: estilos sociais e individuais. 2015. 254 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e

²³Almeida (2015) realiza também um “teste cego” com o intuito de conferir à proposta mais confiabilidade.

²⁴ Texto original: “In many recent meetings of linguistic societies, the feeling has been expressed that linguists should be able to apply their knowledge outside of the university and the classroom [...]” (Labov; Harris, 1994, p.265).

- Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Aristóteles
[19--?]. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Jean Voilquin e Jean Capelle. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Baayen, Harald. et al
2002. An experiment in authorship attribution. *Journées internationales d'analyse statistique des données textuelles*, n. 6.
- Barros, Diana Luz Pessoa de
2001. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas.
- Barros, Diana Luz Pessoa de
2003. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática.
- Bell, Allan
1984. Language style as audience design. *Language in society*, n.13, p.145-204.
- Chaski, Carole
2001. Empirical evaluations of language-based author identification techniques. *Forensic linguistics*. Birmingham: University of Birmingham, v.8, n.1.
- Discini, Norma
2013. Estilo e corpo. 2013. 387 f. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Discini, Norma
2009. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto.
- Eckert, Penelope.; Rickford, John. R
2001. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fiorin, José Luis
2008. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto.
- Fiorin, José Luis
2005. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.
- Gibbons, John
2011. Towards a framework for communication evidence. *The international journal of speech, language and the Law*, Equinox, v.18, n.2.
- Grant, Tim
2010. Text messaging forensics: Txt 4n6 - idiolect free authorship analysis?. In: Coulthard, Malcol; Johnson, Alisson (eds.). *The Routledge handbook of forensic linguistics*. London; New York: Routledge.
- Grant, Tim
2008. Approaching questions in forensic authorship analysis. In: Gibbons, John; Turell, Maria Teresa (eds.). *Dimensions of forensic linguistics*. Amsterdam; Philadelphia, PA: John Benjamins.
- Grant, Tim.; Macleod, Nicci
2012. Whose Tweet? Authorship analysis of micro-blogs and other short-form messages. In: *The International Association Of Forensic Linguists' Tenth Biennial Conference*, 2011, Birmingham. Proceedings. Birmingham: Centre for Forensic Linguistics.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
1979. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. Dicionário de semiótica. São Paulo: Cultrix.
- Harkot-de-la-Taille, Elizabeth
2008. Ethos e autoria. In: Iii Simpósio Internacional Sobre Análise Do Discurso: Emoções, Ethos e Argumentação, 2008, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: UFMG. v. 1.
- Hjelmlev, Louis
2003 [1943]. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- Juola, Patrick
2006. Questioned electronic documents: empirical studies in authorship attribution. In: Olivier & Shenoï (eds.). *Research advances in digital forensics II*. Heidelberg: Springer.
- Labov, William
2008. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola.
- Labov, William
2006 [1966]. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press.
- Labov, William.; Harris, Wendel
1994. Addressing social issues through linguistic evidence. In: Gibbons, John. *Language and the Law*. London; New York: Longman.
- Love, Harold
2002. *Attributing authorship: an introduction*. Cambridge: Cambridge University.
- Mcmenanin, Gerard
2010. Forensic stylistics: theory and practice of forensic stylistics. In: Coulthard, M; Johnson, A. (eds.). *The Routledge handbook of forensic linguistics*. London; New York: Routledge.
- Mcmenanin, Gerard
2002. *Forensic Linguistics: advances in forensic stylistics*. Boca Raton, Florida, USA: CRC Press.
- Lillis, Theresa
2013. *The sociolinguistics of writing*. Edinburgh: Edinburgh University.
- Milroy, James et al
1994. Glottal stops and tyneside glottalization: competing patterns of variation and change in British English. *Language variation and change*, v. 6, n. 3, p. 327-357.
- Olsson, John
2008. *Forensic Linguistics: second edition*. London; New York: Continuum.
- Schilling-Estes, Natalie
2001. Investigating stylistic variation. In:

- Chambers, Jack; Trudgill, Peter; Schilling-Estes, Natalie. (orgs). *The handbook of language variation and change*. Oxford; Malden, MA: Blackwell.
- Shuy, Roger
2001. Forensic linguistics. In: Aronoff, Mark; Rees-Miller, Janie (eds.). *The handbook of linguistics*. Oxford: Blackwell. p. 683-691.
- Solan, Larry; Tiersma, Peter. M
2005. *Speaking of crime: the language of criminal justice*. Kindle edition. Chicago; London: The University of Chicago.
- Svartvik, Jan
1968. *The Evans statements: a case for forensic linguistics*. Brandenburgo: University of Brandenburgo.
- Tatit, Luiz
2001. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Turell, Maria Teresa
2012. Idiolectal similitude (or distance) in authorship analysis. *International Summer School In Forensic Linguistic Analysis, 12*, Barcelona. Informação oral/Slides de aula: Universitat Pompeu Fabra/International Association of Forensic Linguists.

Dados para indexação em língua estrangeira

Almeida, Dayane Celestino de.
Greimassian semiotics in authorship attribution: a contribution to forensic linguistics
Estudos Semióticos, vol. 12, n. 2 (2016)
issn 1980-4016

Abstract: *During criminal investigations and judicial processes, authorship analysis has been performed in order to answer the question “who wrote this text?”. Therefore, several studies on the topic have emerged, in the field known as forensic linguistics. Such studies are based on the idea that every author has a particular style. Yet, such an idea is problematic in cases in which the questioned text and the known texts gathered for comparison are very different in nature (they are generally different in terms of audience, genre, register, etc.); the issue is that sociolinguistics has long been demonstrating the presence of intra-speaker variation (e.g. Labov, 1966). Trying to overcome that, this paper considers that if the deeper levels in the generative trajectory are more abstract, presenting a smaller set of categories, they would be less variable. The idea is that the simpler the level, the lower will be the options available for the author to choose from, which will result in a greater chance to always choose the same thing. With this great chance to always make the same choices, if two different individuals repeatedly choose the same options, differently from one another, this means that each one’s option has great discriminatory power. So, the aim of this study was to verify if the categories examined in semiotic analysis could distinguish authors in forensic contexts. Texts written by 4 authors were analyzed in software that generates and stores “tags” that can be extracted later, which allows the counting of data. Afterwards, similarities and differences between the authors were statistically measured using two coefficients: Jaccard and Yule, used to measure the level of similarity between samples. The results indicate that the hypothesis is confirmed.*

Keywords: *semiotics; style; intra-speaker variation; authorship attribution; forensic linguistics.*

Como citar este artigo

Almeida, Dayane Celestino de. Semiótica greimasiana na atribuição de autoria textual: contribuição à linguística forense. *Estudos Semióticos*. [on-line]. Disponível em: (<http://www.revistas.usp.br/esse>). Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José América Bezerra Saraiva. Volume 12, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2016, p. 53-67. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 13/02/2016

Data de aprovação: 15/05/2016

Anexos

Alguns textos do autor 1

Fiz uma compra (forno elétrico) no site do Ponto Frio dia 09/10/11 em que o prazo para entrega era de até 13 dias úteis. O prazo passou e o produto não chegou. Ao entrar em contato com a empresa eles dizem simplesmente que não existe esse produto em estoque, que eles não sabem quando terá este produto lá e que a culpa não é deles é do fornecedor. Primeiro, eu não comprei do fornecedor. Meu fornecedor é o Ponto frio. Segundo, eles dizem que vão verificar e me posicionar em uma certa quantidade de dias úteis e NUNCA ME LIGAM OU ME MANDAM UM E-MAIL.

Uma das atendentes disse que ou eu espero ou eu desisto do meu pedido. Como assim? E o código do consumidor? Paguei à vista. No facebook pediram o número do meu pedido e não me respondem; no twitter falam que vão me ligar e não ligam; no telefone, vão passar paa surpevisora e desligam na minha cara; na Internet mandam eu esperar de novo + 2 dias úteis ou desistir do meu pedido. Não quero o dinheiro de volta, pois comprei um armário planejado em que ESTE forno com essas carasteristicas será embutido.

Agora no banco foi rapidinho. Eu paguei na data e não reclamaram!!!!!!!!!!!! EU N QUERO ESPERAR MAIS 2 DIAS ÚTEIS.

A Fifa não exclui ninguém! N tem dinheiro p/ ver a copa de perto?! Seja um voluntário, trabalhe de graça e participe

Internet grátis para analfabetos. Geniais os planos de governo.

Só nessa novela uma empregada sai mais que os donos da casa e quando volta ainda dá tempo de matar um boi, assar no papel alumínio, com farofa, sobremesa e biscoitos caseiros pro café.

@atualcard JA MANDEI 1000 MENSAGENS NO SITE, NO FACEBOOK, AQUI!!!!!!! VOCÊS SÓ PODEM ESTAR BRINCANDO COMIGO

:(A Engenheira ANDREA DUQUE www.engenhariaandreaduque.com.br é a pessoa ais enrolada do mundo.

Estrapolou TODOS OS PRAZOS ESTIPUADOS | NUNCA chegou em nenhuma reunião no horário marcado | Ao contrário do que diz no site dela acima ELA NUNCA ENTREGOU PLANTA DE NADA EM 3D, apresentou algumas imagens apenas, que nunca foram aprovadas e apenas da sala/cozinha.

Alguns textos do autor 2

isso de morar fora é meu grande sonho, mas eu não iria pra Europa a não ser pra passear. As vezes que viajei pros eua e Canada, voltei quase chorando de tristeza! Kkkk acho o povo aqui MTO mal educado, quando vejo alguém jogando lixo no chão, tenho mto desgosto... No trânsito tb, o povo é sem noção. Fora a educação desse país que é uma merda, o povo é desaculturado, não liga pra arte, só valoriza peito e bunda. Eu amo minha casa e meu bairro, tenho a vida que pedi a Deus, mas morro de desgosto de mtas coisas...

E ainda assim só nasce mulher ultimamente!

Se vc é homem, solteiro e não consegue namorada, pode crer que é por pura incompetência!
kkkkkkkkkk

Acho que nenhuma psicóloga vai ser boa o bastante pra mim pq eu mesma sei me analisar.... É isso o que eu acho, sou mto sincera! Hahahahaha. Eu tb tenho má impressão de psicólogos pq minha irmã é uma! Eu lembro quando ela fazia estágio e dizia que era mto chato ouvir quem não tinha problema reclamando de tudo, etc... Daí eu tenho CTZ que a psicóloga vai achar isso de mim! rs Minha amiga Luana que fazia terapia dizia a mesma coisa, q sentia que o psicólogo a julgava. Masssss, acho q depende do profissional, né? Tenho uma amiga psico e ela é ótima, já conversei disso com ela e ela disse q nunca pensou essas coisas, ela leva super a sério. Minha má impressão passou um pouco! Como vc é exigente como eu e a psico é mulher (outra exigência minha), acho q ela merece uma chance mesmo! hahahaha
Obrigada, flor! Bjocas e bom fds!

Alguns textos do autor 3

Meu Deus! Estou em choque!!!

Estava deitada na cama (acordada, pq a Xxxxx estava acordada por volta das 6h) quando comecei a escutar uma gritaria de uns homens, parecia uma briga... Eu que sou muito curiosa fui espiar na janela e me deparei com uma cena que achei que só presenciaria na TV. Dois caras espancando um terceiro que estava no chão, eles chutava a cabeça dele... De repente eles correram (um pra cada lado) e o rapaz ficou desacordado no chão... Eu corri liguei pra polícia, daí o rapaz começou a se mexer... Passei todos os dados e em menos de 5 minutos a polícia estava aqui... E em menos de 10 minutos o SAMU chegou !!! PARABÊNS à Osasco, pela rapidez e eficiência... Espero que esses dois monstros paguem pelo que fez... É muito fácil bater em um cara caído....

Nossa ... se eu soubesse que meu slide causaria tudo isso ... não teria feito !!! Sei que vc pediu pra não comentar mais sobre isso ... mas só vcs falaram... e eu preciso registrar algumas coisas ...

Eu ia brincar, dizendo que vc tá parecendo a Mônica, com a pasta de casamento dela e tal mas não vou mais ...

Aliás VOU SIM !!!!!

Xxxxxx, me desculpe ... mas vou fazer brincadeiras sim, vou dizer que vc tá surtada (que pra mim significa que vc está doida atrás das coisas do casório), vou dizer que o Xxxxx (o noivo) não é tão importante quanto a noiva ... SABE POR QUE ??? Porque vocês são meus AMIGOS.... e amizade assim hoje em dia é tão difícil !!!

ENTENDAM que vocês não são meus colegas, onde eu tenho que pensar 10 mil vezes antes de falar ou fazer brincadeiras... Poxa, foi só uma brincadeira pra descontrair ... e SIM eu sabia que essa era a música de toque do seu celular... por isso coloquei ... sei que vc gosta !!!!!

Ninguém disse que vc não aproveitaria o casamento ... quis dizer que em quanto vc pensa nos detalhes durante 9 meses a gente só vai aproveitar no dia !!! Vc tbm vai, mas nós não precisamos pensar em tudo ... entendeu ?!

E Yyyy PODE brincar com a Zzzzzz sim ... pode tirar sarro, pode zuar não precisa ficar com receio ... eu sei que o que vem de vocês é com MUITO CARINHO !!! E que suas brincadeiras nunca seriam com maldade !!! De verdade ...

Nunca falaria nada pra te magoar ... só achei que seria um momento pra gente rir um pouco ... EU TÔ RINDO À TOA COM A MINHA BEBÊ ... mas sei que vocês estão no maior estresse ... trabalho, casamento, concurso, namoro, reforma, dinheiro.... só queria amenizar a quarta-feira !!!

Eu casei ... eu sei que é gostoso ver essas coisas, mas tem dia que é um saco, que vc não aguenta mais ver as coisas, as flores acabam parecendo iguais, os bolos são todos parecidos... enfim se eu tivesse alguém que me fizesse rir com essas coisas eu teria me divertido mais com tudo ... mas eu nem falava com vc ainda, e a Vivian tava longe (EUA)... tive que ir nas provas de comida com meu pai, ver buffet com meu pai, provar vestido com a minha mãe, ... não era engraçado nem divertido... Mas somos diferentes ... então se vc não quer mais falar disso, OK !!!!!

Depois disso ainda continuo sendo sua madrinha ??? rrsr (sorry, não me contive... hahaha)

PS. agora sim podemos dizer que vc surtou ??????? ... Surto é um acesso de algo, como fúria ...
hihihi

Bjs

"Ninguém tem paciência comigo" =(

Limpei a casa, fiz arroz, feijão, só falta fritar os bifês... E ... Deixa quieto, vai ficar pra mais tarde...

SER MÃE É...

Bom, vou traduzir o que é ser mãe, contando como foi o dia em que a Xxxxxx nasceu... Pois esse dia resume tudo o que será pro resto da sua vida.

Eu estava muito nervosa e com muita dor. Mas tentando passar o máximo de calma Yyyyy que estava visivelmente desesperado (rsrs). A ansiedade pra saber se está tudo bem é muito maior do que pra ver o rostinho... Eis que vc escuta o primeiro choro, e chora de tanta alegria por saber que está tudo bem.

Então te levam para uma sala de observação e levam seu bebê pra outro lugar, bate aquele desespero de "quero meu bebê comigo" afinal você, por nove meses, não se separou um minuto dele. Mas as horas passam e você sem notícias, permanece angustiada. Até que o efeito da anestesia passe. Enfim você chega no quarto e encontra a sua família, também querendo ver o bebê... E quando o bebê chega, você já percebe que você o criará para o mundo, pois todos querem segurar (rsrs)... A família vai embora e chega a hora de alimentá-lo. E é mais um desespero, será que o bebê vai mamar, será que não vai... E essa é outra preocupação pro resto da vida... A saúde do seu filho.

Quando o bebê dorme, as enfermeiras o levam para o berçário e vc começa a ter a sensação de que queria que ele estivesse na sua barriga ainda... Rsr

Então chega um prato de comida e é aí que você pensa "nossa eu não comi o dia todo", e então percebe que quer fazer xixi também (rsrs). Toma um banho rápido e o bebê já está no seu quarto de novo para mamar... E você acaba adormecendo com o bebê nos braços e o cabelo molhado!!! Ser mãe é ter o poder de amar incondicionalmente uma pessoinha que você nem conhece, se dedicar 100% do tempo, colocar as prioridades do seu filho antes das suas... E se sentir a pessoa mais sortuda e feliz do mundo!

Te amo mãe,

Algumas pessoas passam tanto tempo tentando mostrar que são felizes para os outros... Que acabam por deixar de serem, se preocupando tanto com a imagem e esquecendo que a felicidade está em ser o que somos e como somos... Faça o que vc gosta, fique com pessoas que te façam sorrir de verdade, que se importem com vc, que te abracem com o coração e a alma.... # fica a dica.

Há 3 anos atrás eu tive o dia mais feliz da minha vida!

Segurar nos braços, pela primeira vez, uma pessoinha que você nem conhece direito, mas ama (inexplicavelmente) mais do qualquer pessoa e até mais que a si mesmo, é uma sensação única e inenarrável!

Xxxxx, obrigada pelos 3 anos de maior felicidade da minha vida, obrigada por me mostrar que é possível chorar de alegria, obrigada por me mostrar o que realmente é importante na vida!

Te amo, pequena !!!

(E nessa hora ela me responde: "te amo adulta")

Alguns textos do autor 4

Nossa Xxxxx... não gostei nada nada do filme... Xinguei-te mentalmente algumas vezes, tá? (hauhahuaha) Mas aqueles que vc emprestou eu gostei!!! Só nao gostei do chapeuzinho vermelho sexy... Agora quero assistir American Pie!!! hihi Bjinhos

TREM DA ALEGRIA DOS CARTÓRIOS

Para entender: a partir de 1988 (acreditem se quiser) os Cartórios deveriam ser assumidos por bacharéis em Direito (em regra) aprovados em concurso público de provas e títulos. Como nosso Brasilão é %&*@^# , até hoje existem "donos de cartório" por "herança de família", sem concurso público.

Aos poucos os Estados vão realizando os concursos para substituímos e ...sse povo.

Masssssssss "se liga" na nossa querida CAMARA DOS DEPUTADOS: ELES QUEREM APROVAR UMA EMENDA CONSTITUCIONAL (UMA "LEI", PARA OS LEIGOS) PROPONDO QUE, QUEM ESTÁ LÁ SEM CONCURSO, TENHA O DIREITO DE FICAR!!!!

ABSURDOOOOOO FICA AÍ NA MEMÓRIA PARA VOCÊ GUARDAR A INFO NO DIA DE VOTAR:

Proposta apresentada por João Campos-PSDB (ABSURDO!)

Únicos que votaram contra: PPS, PV e PSOL!!!!!!! (Ganharam meu voto!!)

Quando iniciei na advocacia, há aproximadamente três anos atrás, eu tinha uma idéia formada sobre divórcios e, na época, separações.

Estagiei no Ministério Público e na Defensoria Pública, assim, já havia acompanhado alguns processos de divórcio. Eu acreditava que sabendo a letra da lei, tudo estaria resolvido. Mas, trabalhar com divórcios, vai muito além do previsto na legislação... Alguns entram ali apenas para conversar e contar os problemas. Ter um apoio quase que espiritual, já que nestes casos, mostra-se ausente o apoio da família.

Outros ali ingressam com muita paz e harmonia, certo da decisão que estão prestes a firmar e tudo se resolve na tranquilidade e calma. Mas, obviamente, este grupo é minoria.

O desgaste emocional que gera um divórcio é imensurável. O advogado, que participa de toda elaboração, não consegue ficar à margem da situação. Os filhos então... estes são o grande alvo de toda bagunça instalada.

Quando ainda sem a minha experiência pessoal no caso, costumava aconselhar pais, ouvir filhos e buscar uma harmonia.

Agora vejo que não se busca a harmonia em casais que não a querem, não a buscam, não a almejam. Não se salva quem não quer ser salvo. Haverá um desgaste para todos. Discute-se cada armário comprado - e neste momento você percebe a mesquinha em que vivem alguns casais, que costumam guardar notas fiscais de anos atrás, já pensando em uma futura separação. Buscam partilhar aquilo que não é seu de direito - apenas pelo objetivo de uma "falsa vingança".

Os filhos viram simples moeda de troca. Enquanto a mãe, que geralmente detem a guarda, busca o direito de pensão alimentícia, o pai, apenas para tirar-lhe a paz, ingressa com pedido de visitas, mesmo sabendo que irá retirar a criança e deixa-la com a avó, sem manter qualquer contato.

(...).

Pessoas que não fecham ciclos, não movem a vida. E isto vale para qualquer coisa, não só divórcios.

Conselho e consulta gratuita da Dra.: não estão felizes? Façam sim o divórcio. Todos tem direito à felicidade. Mas o façam de forma amigável, ainda que por intermédio de advogados diferentes de ambas as partes. Mas, após encerrado aquele processo, encerrem também o ciclo. Sacudam a poeira. Deem-se um novo ponto de partida para a felicidade.

Xxxxx.... menina do céu.... precisa passar frio ou congelar????????? Eu ganhei umas tulipas... Li que vc tinha que guardar o bulbo no congelador para simular a situação real dela na natureza. Se eu soubesse que ia esfriar desse jeito, tinha deixado na varanda mesmo!!! Eu nunca entendi esta ideia de "curtir o frio". Ficar debaixo do cobertor ou sair na rua parecendo um boneco de neve é curtir o frio?? Eu hein!!! Vc terá que trazer todas as roupas do mundo para a Xxxxx!!! Este frio só para a menopausa mesmo! Se você tiver esta alegria por "curtir o frio" (e eu sei que vc é destas), vc vai amar aqui!!! huahauhuahua. Vai começar a feira das malhas em Xxxxx, dia 26 de maio. Tb é uma boa pedida da região!!! Aí vc dá um pulinho aqui, já vestida com as malhas!! rsss